

a) Permanecemos contemporâneos dos jovens hegelianos*

Laiz Fraga Dantas e Tiago Medeiros

Para compreender a leitura que Habermas faz da Modernidade e da Filosofia, partiremos de uma citação do autor, do livro *O Discurso Filosófico da Modernidade* (São Paulo: Martins Fontes, 2000) do capítulo III, “Três perspectivas: Hegelianos de esquerda, hegelianos de direita e Nietzsche”:

Persistimos até hoje no estado de consciência que os jovens hegelianos introduziram, quando se distanciaram de Hegel e da filosofia em geral. Desde então, estão em curso aqueles gestos triunfantes de suplantação recíproca, com os quais descuidamos do fato de que permanecemos contemporâneos dos jovens hegelianos. Hegel inaugurou o discurso da modernidade; só os jovens hegelianos estabeleceram-no de maneira duradoura. A saber, eles liberaram do fardo do conceito hegeliano de razão a idéia de uma crítica criadora da modernidade, nutrido-se do próprio espírito da modernidade.(p. 76)

Neste soberbo trecho, Habermas compara nosso atual ‘estado de consciência’ (de compreensão filosófica, ele poderia dizer) ao dos jovens hegelianos, transportando-nos para mais de um século atrás na história da filosofia. Tal deslocamento não é injustificado, entretanto, e nem significa que, para o autor, tudo que houve dos jovens hegelianos até hoje não mereça ser considerado. O que ele propõe é revisitar os discursos da Modernidade originais e perceber neles os diferentes caminhos da filosofia. Habermas vê três principais vertentes filosóficas presentes no discurso filosófico da Modernidade, a saber: os hegelianos

* O que apresentamos aqui como apêndice são três materiais breves, extraídos do blog do Grupo de Estudos Poética Pragmática e da página pessoal do seu coordenador, que representam orientações básicas, ou referências programáticas, do trabalho do grupo.

de esquerda, os de direita, e Nietzsche. Estes três partidos filosóficos, que intitulam o capítulo supracitado, são para Habermas três propostas para o discurso da Modernidade a serem consideradas.

Os hegelianos de esquerda são para Habermas uma corrente que, herdando de Hegel a preocupação com a história e a inserção da filosofia em seu caráter transitório, almejava tornar a filosofia cada vez mais ligada ao momento presente e ao futuro, pretendendo libertá-la da ideia hegeliana de Razão – que ratifica o presente e o real (efetivo), como necessariamente racionais –, pretendendo direcionar o potencial da razão burguesa para um pensamento comprometido com a revolução e a mudança. Os hegelianos de direita também têm por base o pensamento de Hegel, naturalmente, mas o tomavam de forma inteiramente conservadora. Acreditavam que a razão tem o papel de fundamentar uma sociedade tradicional-burguesa, que para eles deveria ser mantida, produzindo assim um tipo de pensamento pouco aberto à ação e à transformação social. Nietzsche, por sua vez, é identificado por Habermas como responsável por uma crítica total da razão, que permitiria denunciá-la simplesmente como dominação. Como corrente, coloca-se contra os outros dois partidos que, cada um ao seu modo, ainda consideravam a razão como uma medida. Assim, o projeto nietzschiano acabaria por minar as bases do discurso da Modernidade e por anunciar seu fim.

Habermas, no entanto, considera que o projeto da Modernidade não deve simplesmente ser abandonado, em nome de uma crítica totalizante da razão, como propunha Nietzsche, e tampouco considera interessante a posição conservadora dos hegelianos de direita. Entre essas vertentes, Habermas claramente afina-se com as perspectivas dos jovens hegelianos. Apesar de não considerar que essa última posição seja inteiramente adequada, reconhece que entre as três vertentes que

se apresentaram, o projeto da Modernidade crítica é aquele que, apesar dos erros, aponta para o melhor caminho a ser seguido pela filosofia.

Tal como os hegelianos de esquerda (ou jovens hegelianos), inclusive Marx, Habermas considera que conceito de razão moderna deve ser reformulado. Para ele, a ideia de razão deve ser revista em nome de uma forma de racionalidade dessublimada, que se resolva nas práticas comunicativas do mundo da vida o que para ele corresponde à ideia de razão comunicativa. Para Habermas, permanecemos diante do mesmo problema abordado pelos hegelianos de esquerda. Ele pretende, portanto, continuar o projeto da Modernidade a partir da alternativa posta pelos jovens hegelianos, e, a partir dela, propor novas possibilidades para o discurso filosófico. O que parece uma boa ideia.

No século XIX, aqueles filósofos alemães, discípulos de Hegel, debatiam intensamente sobre a Modernidade: suas características, seus horizontes, seus fundamentos, seus vícios e virtudes - em suma, suas possibilidades. Esse grupo de autores denominado também de movimento jovem hegeliano era composto de figuras ilustres como David Strauss, Bruno Bauer, Ludwig Feuerbach, Max Stirner, Karl Marx e Friedrich Engels. As principais discussões travadas entre eles versavam inicialmente sobre o Cristianismo, sua manifestação nas instituições e práticas políticas ocidentais, e, principalmente, sobre o que seria preciso para libertá-las do engessamento que a presença da religião no Estado - e, de outro lado, o conseqüente apequenamento dos indivíduos - inevitavelmente envolvia.

A seu modo, cada um daqueles filósofos desenvolveu uma narrativa filosófica que apontava para um mesmo horizonte - embora enfatizando a insuficiência das narrativas que lhes eram contemporâneas -, qual seja, o do rompimento da alienação e o empoderamento dos homens sobre uma realidade abstraída e congelada, com vistas a construí-la sob a égide de novos valores e novos interesses. Num contexto em que certas

instituições e práticas tornam-se fatidicamente nocivas e castradoras, a atuação para redescrevê-las desse modo, como tentaram fazer os discípulos de Hegel, parece mais do que viável, parece indispensável. Por exemplo, a compreensão de que a democracia e a república são regimes políticos desejáveis e de que o mercado é uma instituição econômica produtiva e interessante não é argumento forte o bastante para ignorarmos o modo como tais arranjos e instituições têm atuado contra os indivíduos e incidido contra princípios que esses indivíduos sustentam. A observação desses pensadores sobre os resquícios essencialistas (no caso, ligados ao cristianismo) nas instituições mostramos a importância de sugerir rearranjos institucionais que fatalmente vão contra um certo essencialismo e uma hipostatização. Nessa medida, é fundamental lidarmos com os dilemas neo-hegelianos de fundamentação da cultura, das práticas, dos arranjos, das instituições e, principalmente, é importante lidarmos com a desalienação do que está entre os indivíduos e tais esferas.

Revisar agora, em termos semelhantes, também a democracia, passo a passo, sugerindo instituições alternativas, é uma possibilidade – pós-colonial - que se mostra cada vez mais palatável. A inclinação que nos debruça sobre essa possibilidade é uma característica de nosso tempo que sinaliza uma profícua ligação à filosofia dos jovens hegelianos, que encontra prolongamento não só em Habermas ou Rorty, mas também, como para Crisóstomo de Souza, em Marcuse ou Dewey, em Roberto Mangabeira Unger ou Álvaro Vieira Pinto.